

**Flávio Gleison Gomes Meira**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

(Vitória da Conquista, Bahia, Brasil)

flaviogleison92@gmail.com

**Almiralva Ferraz Gomes**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

(Vitória da Conquista, Bahia, Brasil)

almiralva@gmail.com

**Marcelo Santos Amaral**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

(Vitória da Conquista, Bahia, Brasil)

amaral69@gmail.com

O Trabalho de Gari: das Motivações às Expectativas Profissionais

Street Sweeper's Work: The Motivations and Professional Expectations

---

RESUMO

Tendo em vista a desvalorização e o preconceito sofrido por aqueles que desempenham atividades laborais de baixo prestígio, este estudo analisa a trajetória profissional, as expectativas e os motivos que levaram os garis a escolherem tal profissão. O debate teórico envolveu a discussão em torno do trabalho e seus desdobramentos. Trata-se de um levantamento, de natureza empírica e do tipo descritivo. Adotou-se uma amostragem probabilística e o formulário e a entrevista semiestruturada como instrumentos de coleta de dados junto a garis de Vitória da Conquista, na Bahia. Os dados coletados por meio dos formulários receberam tratamento quantitativo e os dados oriundos das entrevistas sofreram tratamento qualitativo. Resultados revelaram que esses profissionais tiveram uma trajetória marcada por empregos de baixo prestígio, sendo a carreira de gari uma alternativa para trabalhar em uma profissão estável. Cabe destacar também que a maioria deles não está disposta a mudar de emprego, apesar das dificuldades encontradas.

**Palavras-Chave:** Status do trabalho; gari; limpeza pública; servidor público.

---

ABSTRACT

The devaluation and prejudice suffered by those who perform low-prestige work activities motivated the development of this research that aims to analyze the professional trajectory, expectations and the reasons that led the street sweeper to choose such profession. The theoretical debate involved the discussion around work and its consequences. It is a survey, empirical and descriptive. The sampling is probabilistic and was adopted the form and semi-structured interview as data collection instruments with street sweepers in Vitória da Conquista, Bahia. The data collected through the forms received quantitative treatment and the data from the interviews underwent qualitative treatment. Results revealed that these professionals had a trajectory marked by low prestige jobs, with the career of street sweeper being an alternative to work in a stable profession. It should also be noted that most are not willing to change jobs, despite the difficulties encountered.

**Keywords:** Job status; street sweeper; public cleaning; public server

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras

29.075-910, Vitória-ES

gestaoeconexoes@gmail.com

gestaoeconexoes@ccje.ufes.br

http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em

Administração (PPGADM/CCJE/UFES)

Artigo

Recebido em: 17/05/2019

Aceito em: 09/08/2019

Publicado em: 30/09/2019



## Introdução

A concepção do trabalho para a sociedade foi mudando no decorrer dos tempos. Inicialmente, o trabalho estava ligado ao sofrimento e à escravidão, sendo a origem da palavra oriunda do latim *tripallium* (três paus), que era um instrumento usado para torturar os escravos e os pobres que não podiam pagar os impostos (Albornoz, 1994). Ao longo dos anos, com o desenvolvimento do capitalismo, esse termo foi evoluindo e passou a não apenas dar sentido às atividades produtivas do dia a dia, mas também a se relacionar com a identidade dos indivíduos e com a forma como eles são reconhecidos pelas atividades que realizam.

Nessa perspectiva, a posição que a pessoa ocupa na sociedade está relacionada, entre tantos aspectos, com os bens que consome, com a empresa que trabalha, com o cargo que ocupa e com o salário que recebe (Kalleberg, 2012; Ridgeway, 2013; Weeden, 2002; Weeden, Kim, Carlo, & Grusky, 2007). Com isso, criaram-se preconceitos a respeito das pessoas desempregadas e subempregadas que atuam em profissões, que não necessitam de formação acadêmica ou que não possuem *status* social, como é o caso das profissões que lidam com o lixo.

Os garis realizam tarefas imprescindíveis para o convívio em sociedade e, mesmo assim, não são reconhecidos e valorizados. Eles lidam com a imundice e com o mau cheiro do lixo e ficam invisíveis perante a sociedade (Gomes & Oliveira, 2013). Essas pessoas passam despercebidas quando estão realizando as suas atividades, embora os seus uniformes chamem bastante a atenção. No entanto, são percebidas quando as suas atividades, por algum motivo, não são realizadas. Em outros termos, há um processo de 'coisificação' do ser humano, em que o trabalho é mais relevante do que o próprio trabalhador.

Desse modo, o presente estudo tem o objetivo de analisar a trajetória e as expectativas futuras em relação à vida profissional dos garis que trabalham na cidade de Vitória da Conquista, na Região Sudoeste da Bahia, além de identificar os motivos que os levaram a escolher tal profissão. Para tanto, o artigo está estruturado da seguinte forma: a introdução contextualiza o tema e apresenta o objetivo da pesquisa; no segundo capítulo se discorre a respeito do trabalho e seus desdobramentos; o terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa; o quarto capítulo apresenta os dados coletados em campo e a sua análise à luz do referencial teórico; e, por fim, o último capítulo apresenta as considerações finais.

## O trabalho

A origem da palavra trabalho na nossa língua está diretamente ligada à punição e ao suplício. Esse termo vem do latim *tripalium*, que foi um instrumento inventado no Império Romano, composto de três paus, com pontas de ferro, usado para torturar os escravos e as pessoas pobres que não pagavam os impostos. Esse sentido semântico durou até o século XV, quando passou a denotar a noção de se esforçar, laborar e obrar, inclusive em outras línguas latinas como o espanhol, o catalão, o francês e o italiano. Já o sentido mais próximo do que entendemos hoje vem do grego *poiesis*, que seria o fazer, a criação com as próprias mãos (Albornoz, 1994).

Para Schwartz (2011) existem três impasses significativos sobre o conceito de trabalho, relacionados à origem, simplificação e divisão do trabalho. O primeiro impasse é com relação à sua origem e se apresenta em três momentos distintos: a partir da fabricação das primeiras ferramentas que facilitaram e revolucionaram os meios de sobrevivência dos nossos ancestrais; por volta de 7.500 a.C., com a revolução neolítica, quando houve a transição de uma sociedade nômade para uma sociedade sedentária, marcada pela agricultura e pela criação de animais, que transformou a vida social, econômica e cultural da humanidade; e, por fim, a partir do trabalho como uma prestação de serviço remunerado. Schwartz (2011) e Liu e Grusky (2013) inclusive acrescentam que a humanidade tende, de forma equivocada, a entender o trabalho apenas baseado nas ideias da Revolução Industrial e no assalariamento, quando as pessoas trocavam o seu tempo de serviço por uma remuneração. “É precisamente isso que permite distinguir ‘o trabalho’ do ‘fora do trabalho’ (do ‘lazer’) ou do ‘não trabalho’ (desemprego), a esfera socioprofissional e a do privado” (Schwartz, 2011, p. 23). É em torno dessas trocas, portanto, que surgem as desigualdades socioeconômicas e os movimentos sociais contra a exploração (Blanch, 2003).

O segundo impasse é com relação à difícil simplificação do trabalho. Segundo Schwartz (2011), desde o século XVII, com o estudo da filosofia natural, vem-se buscando conhecer os movimentos dos corpos. No século XVIII, os britânicos aperfeiçoaram essas técnicas nas manufaturas, ao ponto de entenderem o homem como uma parte da máquina. Essa simplificação do trabalho, reduzindo as tarefas em operações simples, possibilitou um grande crescimento do poderio econômico do Reino Unido. No entanto, esse método sofreu diversas críticas de pensadores como Karl Marx, Adam Smith e Edward Palmer Thompson. Para tais estudiosos essa especialização acabava se apropriando das fontes criativas do trabalhador e a manufatura acabava se apoderando da força de trabalho do operário. Para Marx (1988, p. 270) “ela aleija o trabalhador, convertendo-o numa anomalia, ao fomentar artificialmente sua habilidade no pormenor mediante

repressão de um mundo de impulsos e capacidades produtivas". Com isso, apesar do progresso econômico, a simplificação do trabalho acabava mutilando o indivíduo, fazendo dele um trabalhador parcial. Apesar dessas críticas, tempos depois tal método contribuiu para que Taylor propusesse a racionalização do trabalho por meio dos estudos dos tempos e movimentos, transformando de forma significativa as estruturas da produção (Schwartz, 2011).

O terceiro impasse é sobre as 'ilusões' da divisão do trabalho. Para Schwartz (2011) a divisão do trabalho está diretamente relacionada ao entendimento dos processos sociais. Nesse método, cada pessoa tem uma função a desenvolver. Essa estrutura é desmembrada em duas categorias: as divisões sociais e técnicas. Segundo Marx (1988), na divisão social cada indivíduo produz, de modo indireto, seus meios de subsistência, na forma de uma mercadoria particular. Essa divisão "preocupa simplesmente com uma especialização das competências, repartidas em ofícios, para assegurar à cidade seus bens essenciais, sem se preocupar com o *modus operandi*" (Schwartz, 2011, p. 28). Assim, a divisão do trabalho passou a distinguir o trabalho masculino do feminino, o intelectual do manual e a cidade do campo. No entanto, essas oposições criam barreiras entre os gêneros e se baseiam mais em desigualdades econômicas e hierárquicas do que em diferenças produtivas e, por conseguinte, fizeram e fazem surgir elites sociais. Já a divisão técnica do trabalho é mais voltada para a decomposição das suas sequências operacionais. Nesse sentido, Schwartz (2011, p. 29) salienta que o trabalho é "uma combinação provisória de atos executados por máquinas, autômatos, sequências de procedimentos, e atos mais ou menos complementares dos primeiros, nunca claramente explicitados e perceptíveis, produzidos por inteligências e corpos humanos". Contudo, essa divisão rígida das tarefas acaba tirando a essência do trabalhador, que perde toda a sua liberdade e prazer da atividade realizada, tornando-se um ser cada vez mais alienado.

### Trabalho e *status social*

Segundo Abbagnano (2007, p. 921), *status* é uma "condição ou modo de ser, especialmente em sentido sociológico, como pertencente a determinado estrato social". Salata (2016) acrescenta que uma das principais contribuições dos estudos de Max Weber foi com relação às desigualdades sociais, ao fazer uma diferenciação da estratificação de classes econômicas e de *status social*. A estratificação por classes agrega os indivíduos de acordo com os recursos que eles possuem para obter retornos no mercado, distribuindo assim o poder econômico entre as classes (Ridgeway, 2013; Weeden & Grusky, 2004). É por meio desse processo que surgem os "grandes proprietários, pequenos proprietários, trabalhadores qualificados, trabalhadores não qualificados etc., como distintas classes, cada uma agregando

indivíduos com diferentes chances e oportunidades econômicas” (Salata, 2016, p. 2).

Dessa forma, haveria uma distinção social pela relação socioeconômica de cada indivíduo. A essa dimensão foi acrescentada uma segunda: a estratificação por *status*, que, diferente da primeira, não era uma divisão pelo poderio econômico, mas pelo poder social. Para Salata (2016, p. 18) essa estratificação “diz respeito à distribuição de honra e/ou prestígio social, atribuídos aos indivíduos em função de alguma característica de caráter coletivo (cor, gênero, origem social, nível de escolaridade, ocupação etc.)”, o que resulta em distâncias sociais percebidas, e até aceitas, de superioridade, igualdade e inferioridade. Desse modo, essa classificação de *status* poderia ser observada nas relações matrimoniais e de amizade, em que as pessoas buscavam contato com os grupos de *status* similares (Salata, 2016).

Para entender como são a hierarquia e as estruturas de *status* no Brasil, Salata (2016) realizou um estudo e constatou que existe uma conexão entre classe e *status*. Dessa forma, as pessoas mais ricas são mais privilegiadas do que as mais pobres. Com isso, percebe-se uma ligação entre a renda do indivíduo e o *status* adquirido (Ridgeway, 2013). Com relação à hierarquia ocupacional, os empregos com maior formação educacional, como os profissionais das ciências jurídicas, exatas, físicas, biológicas, sociais, humanas e engenharia, administradores e militares, ocupam o topo da pirâmide, enquanto os trabalhos manuais ficam na base e são considerados como profissões de baixo privilégio.

Para Carvalhães, Barbosa, Souza e Ribeiro (2014) e Ridgeway (2013) a ocupação é um fator determinante para o entendimento das desigualdades entre as classes. Segundo eles, a estrutura brasileira do trabalho mudou na década passada, diminuindo as diferenças e aumentando a renda dos trabalhadores. No entanto, esse resultado se deve ao aumento da escolaridade e à redução dos ganhos pela educação, uma vez que essa divisão hierárquica do *status* da estrutura ocupacional não se alterou.

## O trabalho no setor público

O termo servidor público pode ser definido em sentido amplo como “todas as pessoas físicas que prestam serviços ao Estado e às entidades da Administração Indireta, com vínculo empregatício, ora em sentido menos amplo, que exclui os que prestam serviços às entidades com personalidade jurídica de direito privado” (Di Pietro, 2014, p. 595). Para Nogueira, Baraldi e Rodrigues (2004, p. 10) “o trabalho na administração pública tem a particularidade de ser, na sua origem, um vínculo não contratual regido por uma lei específica, um estatuto que discrimina os direitos e deveres dos servidores públicos”. Dessa maneira, a administração pública brasileira partilha de quatro

tipos de regime: estatutário, celetista, especial e cargos em comissão. Os servidores estatutários são aqueles providos ao cargo por meio de concurso público (Vinci, 2005) e regidos pela Lei nº 8.112, de 11/12/90. Já o regime celetista é o vínculo contratual conduzido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que "foi amplamente utilizado na administração direta nas duas décadas anteriores à Constituição de 1988 e foi reintroduzido com a Emenda Constitucional nº 19, de 04/06/98, sob a denominação de emprego público" (Nogueira et al., 2004, p. 10). Existe também o regime especial, que é a situação das pessoas que são contratadas por tempo determinado, apenas para atender uma necessidade temporária (Lei nº 8.745, de 09/12/93). Por fim, os cargos comissionados são aqueles nomeados pelas autoridades para ocuparem determinada função sem a necessidade de aprovação em concurso público.

Segundo N. Marconi (1999), no regime estatutário as pessoas ganham estabilidade, que as possibilita trabalharem sem o receio de serem retiradas de seus cargos por perseguições políticas. Para o autor, de maneira geral, os incentivos para que as pessoas optem pela carreira pública "estão relacionados à estabilidade, segurança, aumento de salário de acordo com o tempo de serviço - não há necessidade de melhorias no trabalho para obtê-los, basta permanecer no cargo - e à aposentadoria integral" (N. Marconi, 1999, p. 4). Além disso, outra particularidade do serviço público é que muitas vezes acontece envelhecimento da força de trabalho, consequência da escassez dos concursos públicos (Blank, 1985; N. Marconi, 1997).

### O trabalho nas classes de baixa renda

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) estabelece que são consideradas pobres as pessoas que vivem com menos de 1,90 dólares americanos (US\$) por dia. No entanto, existem outras variáveis que estão relacionadas ao estado de pobreza, como o não acesso aos serviços básicos de saúde, de educação e de saneamento básico (Organização das Nações Unidas [ONU], 2018). O Banco Mundial inclusive implantou duas novas métricas para identificar as pessoas que estão abaixo da linha da pobreza. A primeira, em relação aos países de renda média baixa, estabelece o valor de ganho mínimo de US\$3,20 por dia como linha da pobreza. Essa linha de ganho mínimo é de US\$5,50 diários para os países de renda média alta, que inclui o Brasil (Cunha & Fagundes, 2017). Baseado nessas informações, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou um levantamento em 2017, e constatou que 54,8 milhões de brasileiros viviam com menos de US\$5,50 diários. Na época, isso correspondia a R\$406,00 mensais por pessoa. Na Região Nordeste habitavam 25,5 milhões de indivíduos nessa situação (Renaux, 2018).

Segundo Borges e Kraychet (2007), a pobreza é uma consequência do sistema capitalista. Para eles, com o decorrer

do tempo pode até ocorrer variações dos níveis de penúria, mas é algo presente em toda a história do sistema econômico. No século passado, Marx (1988, p. 136) já tratara dessa disparidade, ao afirmar que tal desigualdade “é evidentemente o resultado de um desenvolvimento histórico anterior, o produto de muitas revoluções econômicas, da decadência de toda uma série de formações mais antigas da produção social”. Ele enfatizava que o capitalismo é um sistema que busca extrair o máximo de riqueza por meio da exploração da força de trabalho.

No Brasil, conforme Pochmann (2012), o capitalismo foi marcado pelo êxodo rural, passando de uma sociedade agrária para urbana. Durante o período de industrialização (1930 a 1980), o mercado de trabalho não conseguiu absorver toda a demanda de mão de obra, gerando, conseqüentemente, salários baixos e desemprego. Para Borges e Kraychet (2007, p. 233) “a reprodução contínua da pobreza está diretamente associada à sub-remuneração do trabalho, particularmente dos grandes contingentes de trabalhadores pouco qualificados, do campo e da cidade”. Além disso, existe uma desestruturação do mercado de trabalho, que é incapaz de absorver os trabalhadores no processo produtivo do sistema capitalista (Borges & Kraychet, 2007; Weeden, 2002; Weeden *et al.*, 2007).

Portanto, a falta de trabalho está diretamente associada ao aumento da pobreza: é do labor que se tira o sustento para sobreviver. No entanto, para conseguir bons empregos, é necessário que se tenha qualificação e formação adequada, que depende do acesso a boa educação, o que a maioria da população de baixo poder aquisitivo não tem.

Barros e Mendonça (1995) identificaram dois motivos que explicam a pobreza de uma família: poucas pessoas do grupo familiar com rendimento e o salário baixo. O primeiro é relacionado com a estrutura familiar, e ocorre quando existe proporção baixa de membros da casa com remuneração fixa, seja por causa do aumento do desemprego, seja pelo número de pessoas sem condições para trabalhar - por necessidade de fazer os trabalhos domésticos ou pela falta de idade para procurar um emprego. O segundo motivo é causado principalmente pela baixa qualificação das pessoas, que acabam se submetendo a aceitar os empregos menos valorizados no mercado de trabalho.

Guimarães, Brito, Andrada e Picanço (2017, p. 99) desenvolveram um estudo acerca do acesso dos pobres ao mercado de trabalho. Segundo eles, “os mais pobres estão sujeitos ao insulamento ocupacional em atividades de baixo prestígio, baixa qualificação e baixa remuneração, este é um risco desigualmente repartido por gênero” (Guimarães *et al.*, 2017, p. 99), já que as mulheres têm um leque mais restrito de opções.

No caso das mulheres, existe prevalência das profissões da área de limpeza, como faxineiras, garis e lixeiras, representando metade das trabalhadoras registradas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), que é um portal

do governo que monitora a situação da população de baixa renda. Já com os homens ocorre em uma escala um pouco menor. No entanto, os empregos nas áreas de segurança e limpeza ainda têm peso significativo (Diaz & Hola, 2006; Guimarães *et al.*, 2017).

Uma dessas profissões de pouca reputação é a desenvolvida pelos catadores de lixo. Segundo Silva (2011), existem alguns pontos congruentes à maioria desses indivíduos. Em outros termos, em geral são pessoas de origem humilde e família numerosa que não tiveram uma estrutura familiar adequada, convivendo apenas com a presença da mãe e tendo que contribuir desde cedo com a renda da casa. Outro aspecto abordado é que esse emprego não foi uma questão de escolha, mas a única forma encontrada para se sustentar.

Gomes e Oliveira (2013) salientam também que as pessoas que lidam com o lixo são menosprezadas pela sociedade, se tornando invisíveis diante dos outros. Essa constatação está de acordo com os achados de Diogo (2007), que verificou que as pessoas que trabalham com limpeza são muitas vezes desvalorizadas, humilhadas e tratadas como inferiores pela sociedade, e que um dos poucos momentos de prazer encontrado por elas é quando recebem algum elogio ou reconhecimento. Além disso, constatou-se que o baixo grau de escolaridade e a necessidade de sustento da família foram os determinantes principais para a escolha da profissão. Com relação à expectativa de arrumar outro emprego, alguns afirmaram que gostariam de atuar em uma nova atividade; porém, demonstraram conformismo e despreparo para tal mudança. Além de uma autoestima consideravelmente baixa, percebeu-se que existe ainda o sentimento de incapacidade de mudar, de melhorar e de modificar tal realidade (Silva, 2011). Em contrapartida, encontram-se também aqueles que, apesar de todas as dificuldades do exercício da profissão, se sentem satisfeitos e dispostos a continuar desempenhando as suas atividades.

Segundo Morin (1999), muitos indivíduos trabalham não só pelo salário pago. A pesquisa de Silva (2011) revelou que os motivos da escolha da profissão variavam da falta de experiência profissional à identificação com o emprego atual e aos obstáculos decorrentes da idade. Diogo (2007) observou também no estudo realizado com as empregadas do setor de limpeza que elas buscam alternativas de sustento para o futuro. Para isso, planejam retornar aos estudos e, assim, encontrar uma profissão mais atrativa, que possa trazer mais satisfação e melhor condição de trabalho.

Portanto, a maioria das pessoas que ultrapassa a barreira do desemprego só consegue trabalhos com remuneração e prestígio social baixos. Tal situação faz com que, muitas vezes, essa atividade se desenvolva sem prazer ou satisfação, tornando-se algo, por conseguinte, sem sentido para elas.

## A profissão de gari

Apesar de o lixo ser um tema preocupante desde a formação das primeiras comunidades, esse assunto nem sempre foi tratado pelas autoridades públicas com a devida atenção (Thanh, 2019). No Brasil, conforme destacado por Monteiro *et al.* (2001), o serviço de limpeza urbana teve início no Rio de Janeiro, na cidade de São Sebastião, em 25 de novembro de 1880, quando o Imperador Dom Pedro II aprovou, por meio do decreto nº 3024, um contrato de limpeza e irrigação. O contrato foi executado inicialmente "por Aleixo Gary e, mais tarde, por Luciano Francisco Gary, de cujo sobrenome origina-se a palavra gari, que hoje denomina-se os trabalhadores da limpeza urbana de muitas cidades brasileiras" (Monteiro *et al.*, 2001, p. 1).

Isso foi um marco para essa profissão no país que, segundo Gutierrez (2013), em 2003, era composta por cerca de 1,47 milhão de trabalhadores. Monteiro *et al.* (2001, p. 2) acrescentam ainda que "a geração de resíduos sólidos no Brasil é de cerca de 0,6 kg/hab./dia e mais de 0,3 kg/hab./dia de resíduos de varrição, limpeza de logradouros e entulhos". Em algumas cidades do Sul e do Sudeste, esses números são bem maiores.

Segundo Campos, Rubinho e Pereira (2015), esses profissionais estão expostos a diversos riscos, entre eles os ergonômicos, físicos, de acidentes, biológicos, químicos e psicossociais. Os riscos ergonômicos dizem respeito aos problemas relacionados com os esforços físicos da rotina de trabalho. Já os riscos físicos estão associados ao trabalho realizado ao ar livre, pois eles ficam expostos a radiação solar, chuva, frio e calor. Por sua vez, o risco de acidente refere-se tanto ao perigo de ser atropelado ao realizar atividades no meio do trânsito, como aos incidentes causados por materiais cortantes que se encontram no lixo. O risco biológico pode acontecer pela inalação ou contato da pele com bactérias e fungos encontrados no lixo. Existem também os riscos químicos, representados pelas substâncias encontradas em produtos descartados, como baterias, solventes, e em produtos químicos de limpeza. Por fim, os riscos psicossociais são os que mais atingem esses profissionais, gerados pela imagem negativa que a população tem deles, ocasionando problemas de depressão, alcoolismo e drogas.

Apesar de todas as dificuldades encontradas pelos garis, essa profissão é de total importância para o convívio em sociedade. Campos *et al.* (2015, p. 3) consideram que eles exercem "um papel relevante na manutenção da limpeza urbana e rural de nossas cidades. Eles são aqueles que fazem o que ninguém quer fazer: coletar o lixo". Ademais, tais trabalhadores são também profissionais da saúde, já que protegem o bem estar e a salubridade de toda a sociedade (Kalleberg, 2012).

## Metodologia

O estudo é caracterizado como uma pesquisa de natureza empírica. Segundo Demo (1985, p. 25), "a pesquisa empírica é aquela voltada sobretudo para a face experimental e observável dos fenômenos. É aquela que manipula dados, fatos concretos. Procura traduzir os resultados em dimensões mensuráveis". Quanto aos objetivos, a pesquisa é do tipo descritiva. Dyniewicz (2009, p. 91) conceitua a pesquisa descritiva como aquela que tem "como propósito observar, descrever, explorar, classificar e interpretar aspectos de fatos ou fenômenos. Buscam-se frequência, característica, relação e associação entre variáveis". Quanto a técnica utilizada, adotou-se o levantamento (survey). Segundo Gil (2008, p. 55), tal técnica se caracteriza "pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado".

Uma população é definida por Dyniewicz (2009, p. 99) como a "totalidade dos indivíduos que possuem características definidas para um determinado estudo". A população desta pesquisa foi formada pelos garis de varrição que estão vinculados à Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, na Bahia. Optou-se por uma amostragem probabilística, do tipo aleatória simples, pois ela dá a cada elemento da população a mesma probabilidade de ser selecionado (Gil, 2008).

Segundo a Coordenação de Limpeza Pública, o município conta com 114 profissionais. Vale destacar que 15 estavam de férias, quatro de licença prêmio, quatro emprestados para outros setores, um afastado, uma de licença maternidade e quatro não quiseram responder. Desse total, foi aplicado o formulário em uma amostra de 71 garis, ao se adotar uma margem de erro de 6,6% e um nível de confiança de 90%. Em uma segunda etapa da coleta de dados, adotou-se o critério de conveniência e foram entrevistados dez garis, três fiscais e dois supervisores, além do vice-presidente do sindicato, de uma psicóloga e do coordenador de limpeza pública do município. Desse modo, na primeira etapa do levantamento participaram 71 informantes e, na segunda etapa, 18 servidores foram entrevistados.

A coleta dos dados foi realizada em janeiro de 2019 e nela foram adotados dois instrumentos: a entrevista e o formulário. Segundo Gil (2008, p. 109), a entrevista é uma "técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social". Nas entrevistas realizadas com o coordenador de limpeza pública da cidade, com o vice-presidente do sindicato, com a psicóloga da secretaria de serviços públicos, com os supervisores, com os fiscais e com alguns trabalhadores foi utilizado um roteiro semiestruturado. Segundo Triviños (1987, p.

146), tal roteiro “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. As entrevistas foram gravadas com autorização prévia dos informantes e transcritas, posteriormente, para análise.

Já o formulário foi aplicado a todos os garis que se dispuseram a colaborar na ocasião da pesquisa de campo. Segundo Gil (2002, p. 114), o formulário “pode ser definido como a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas”. Antes da aplicação dos formulários aconteceu um teste de validação com algumas pessoas que pertenciam a mesma população da pesquisa. Segundo M. de A. Marconi e Lakatos (2003, p. 203), essa avaliação permite encontrar “inconsistência ou complexidade das questões; ambiguidade ou linguagem inacessível; perguntas supérfluas ou que causam embaraço ao informante; se as questões obedecem a determinada ordem ou se são muito numerosas etc”.

O formulário foi estruturado em três partes: na primeira se buscou analisar as características de vida da família dos garis; a segunda teve como propósito investigar as motivações principais deles com relação à sua carreira; e na terceira se procurou identificar como foi a trajetória profissional e as expectativas que eles têm para o futuro. Já as entrevistas tiveram como propósito aprofundar os temas abordados no formulário, principalmente aqueles mais subjetivos como a trajetória de vida desses trabalhadores.

O tratamento dos dados abrangeu tanto uma abordagem qualitativa quanto quantitativa, uma vez que os dados oriundos dos formulários receberam tratamento estatístico simplificado e descritivo, além de sofrerem cruzamentos nos casos que evidenciavam os achados da pesquisa. Segundo Prodanov e Freitas (2013), na abordagem quantitativa analisam-se os dados que são transformados, por sua vez, em números. Dyniewicz (2009, p. 88) afirma que “na pesquisa de abordagem quantitativa, espera-se do pesquisador a coleta sistemática de informações que podem ser quantificadas, em condições de controle, além da análise dessa informação por meio de procedimentos estatísticos”. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Os dados da transcrição receberam tratamento qualitativo e foram analisados à luz do referencial teórico. Prodanov e Freitas (2013, p. 70) consideram que a abordagem qualitativa permite uma “dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Com isso, buscou-se captar a subjetividade dos indivíduos principalmente por meio das entrevistas, possibilitando captar informações que não puderam ser mensuradas no tratamento quantitativo. Portanto, a presente pesquisa foi do tipo quanti-qualitativa.

## Garis: trajetória de vida e motivações

Os dados coletados por meio das entrevistas mostraram, inicialmente, alguns aspectos relacionados à trajetória de vida dos garis. Eles são advindos de famílias humildes, tiveram que trabalhar desde cedo em mercados informais ou ajudando no trabalho dos pais, como mencionado nos relatos abaixo.

Eu vendi salgado, vendi picolé, trabalhei como *office boy*, dos onze aos treze anos de idade, [...] na época era de menor, mas já trabalhava como *office boy* (Gari 6).

Eu, da idade de cinco anos, meu pai já me botava no meio de uma cangaia de um jegue e ia panhar leite, com a idade de cinco anos. Ele cansou de marrar minhas pernas por baixo da cangaia, mode eu não cair, e o burro véi que eu carregava já sabia das estradas, ia pegar o leite e voltava. E era assim, a vida da gente não foi fácil (Gari 2).

Outro ponto constatado é que algumas dessas pessoas tiveram uma família desestruturada, com muitos irmãos e apenas um dos pais presente, causando muitas dificuldades na sua infância, como foi o caso do Gari 4.

Meu pai morreu cedo, minha mãe com oito filhos foi morar em Jequié. Chegou um tempo que a gente passou um período de tempo até num orfanato [...]. Aí minha mãe trabalhava na cozinha e a gente, em troca, a gente morava, porque estava sem condições de pagar aluguel. Aí depois de lá meus irmãos mais velhos do que eu começou também a trabalhar né, alugou uma casa, minha mãe também arrumou um trabalho.

No entanto, existem casos de quem não conviveu com os pais e, mesmo assim, conseguiu se reestruturar no seio de outra família, como aconteceu com o Gari 5.

Não tenho contato com a minha mãe né, meu pai já faleceu, minha mãe me deixou com sete anos no interior de São Paulo e lá eu tive uma base familiar muito boa, graças a Deus né. Então isso me ajudou muito hoje eu ser o que eu sou.

As declarações dos entrevistados convergem para os achados de Silva (2011), ao estudar a história de vida dos catadores de lixo, pois a maioria deles não teve uma boa formação familiar e trabalhou desde a infância para ajudar no sustento da casa.

Uma das razões apontadas por Barros e Mendonça (1995) para explicar a pobreza é a proporção baixa dos membros da família com renda fixa. Quanto aos garis, na Tabela 1, apresentada abaixo, se estabelece uma relação entre a quantidade de pessoas que moram na casa e a quantidade de indivíduos empregados.

Considerando os dados da tabela, percebe-se que quase a metade dos 71 garis analisados (45%) sustenta as suas famílias sozinhos.

Tabela 1

**Quantidade de Pessoas Empregadas por Quantidade de Moradores da Casa**

Quantidade de moradores da casa	Quantidade de pessoas empregadas				
	Uma	Duas	Três	Quatro	Total
Uma	1,4%	0%	0%	0%	1,4%
Duas	7%	5,6%	0%	0%	12,6%
Três	11,3%	14,1%	1,4%	0%	26,8%
Quatro	9,9%	9,9%	2,8%	1,4%	24%
Cinco	7%	8,5%	0,0%	0,0%	15,5%
Seis	7%	1,4%	0,0%	5,6%	14%
Acima de seis	1,4%	4,3%	0,0%	0,0%	5,7%
Total	45%	43,8%	4,2%	7%	100,0%

**Nota.** Fonte: dados da pesquisa.

Segundo a Coordenação de Limpeza Pública, o salário base dos garis é de R\$1.070,00, sendo acrescidos R\$214,00 de insalubridade (20% do salário) e R\$50,00 por quinquênio trabalhado, além de alguns benefícios como vale alimentação no valor de R\$250,00 e metade do vale transporte. Considerando-se apenas o salário base, o adicional de insalubridade e o vale alimentação, chega-se ao valor de R\$1.534,00. O PNUD estabelece que estão abaixo da pobreza as pessoas que vivem com menos de US\$1,90 por dia (Organizações das Nações Unidas [ONU], 2018), representando um valor de US\$57,00 por mês. Se esse valor for convertido para a moeda nacional em valores de março de 2019 (cotação do dólar em R\$3,77), obtém-se o valor de R\$214,89 por pessoa. Já o Banco Mundial estabelece o valor de US\$5,50 por dia. Utilizando-se o mesmo critério anterior, chega-se ao valor per capita mensal de R\$622,05 (Cunha & Fagundes, 2017).

Ao se observar a Tabela 2, na sequência, ficam mais nítidas as dificuldades financeiras as quais os garis são submetidos. Estabelecendo-se o valor considerado pelo PNUD, 4,2% dos garis que têm pelo menos sete pessoas morando na sua casa necessitaria de um ganho mensal mínimo de R\$1.504,23, valor pouco abaixo dos R\$1.534,00 recebido por eles. No entanto, considerando-se o valor determinado pelo Banco Mundial, percebe-se que as famílias de três pessoas ou mais que vivem com até dois salários mínimos e as famílias de cinco ou mais pessoas que vivem com até três salários mínimos estão com uma renda abaixo do aceitável, representando 63,4% dos garis.

Tabela 2

**Renda Familiar por Quantidade de Moradores da Casa**

Quantidade de moradores da casa	Renda familiar				
	De 1 a 2 salários	De 2 a 3 salários	De 3 a 4 salários	De 4 a 5 salários	Total

Uma	1,4%	0%	0%	0%	1,4%
Duas	11,3%	1,4%	0%	0%	12,7%
Três	19,7%	7%	0%	0%	26,7%
Quatro	12,7%	9,9%	0%	1,4%	24%
Cinco	12,7%	2,8%	0%	0%	15,5%
Seis	8,5%	1,4%	2,8%	1,4%	14,1%
Acima de seis	4,2%	1,4%	0%	0%	5,6%
Total	70,5%	23,9%	2,8%	2,8%	100,0%

**Nota.** Fonte: dados da pesquisa.

■ Pessoas que vivem abaixo da linha pobreza, segundo critério do Banco Mundial.

Com relação ao motivo principal que levou os garis a ingressarem na carreira, a maioria respondeu que foi pela estabilidade do vínculo de trabalho, como se pode verificar na Tabela 3. Esse resultado está de acordo com os estudos de N. Marconi (1999), que enfatiza que tal justificativa é um dos atrativos principais da área pública.

Tabela 3

**Motivo Principal que Levou a Trabalhar como Gari Segundo o Grau de Escolaridade**

Grau de escolaridade	Motivo principal que levou a trabalhar como gari				
	Falta de opção	Experiência no serviço doméstico	Exigência de pouca qualificação	Estabilidade	Importância da profissão para a sociedade
Fundamental incompleto	34,7%	3,8%	19,1%	34,7%	7,7%
Fundamental completo	50%	0%	6,2%	37,6%	6,2%
Médio incompleto	0%	0%	0%	80%	20%
Médio completo	31,6%	0%	5,3%	63,1%	0%
Superior incompleto	0%	0%	0%	100%	0%
Superior completo	0%	0%	0%	100%	0%
Total geral	32,4%	1,4%	9,9%	50,7%	5,6%

**Nota.** Fonte: dados da pesquisa.

A existência do vínculo empregatício não foi escolhida por nenhum entrevistado.

Analisando-se os dados da Tabela 3, por um lado, pode ser observado que quanto maior o grau de escolaridade, mais acentuada fica a escolha do emprego de gari por conta da estabilidade, ou seja, as pessoas mais qualificadas, como os que ingressaram no ensino superior, têm mais opções de emprego e veem a estabilidade como um estímulo para a escolha da profissão. Por outro lado, os indivíduos que estudaram até o ensino fundamental afirmaram que o motivo principal para o ingresso na carreira de gari foi a

falta de opção, fruto também da pouca qualificação exigida pelo emprego.

Os relatos dos entrevistados confirmaram os dados da Tabela 3. No entanto, para os Garis 7 e 9 a flexibilidade de horário, ao possibilitar o trabalhador realizar outras atividades, também foi um motivador para a escolha da profissão.

Foi a questão da estabilidade mesmo, que é o principal mesmo. Que o concursado tem uma estabilidade muito grande. E [...] a maioria dos garis que trabalham com a gente tem duas profissões, consegue ter duas profissões, consegue ter tempo para estudar, porque dá um certo tempo para estudar (Gari 7).

Bom, na realidade falta de emprego mesmo, por concluir o ensino médio, é [...] pela minha religião, que sou adventista do sétimo dia e para a gente é muito difícil, as empresas hoje trabalham o sábado [...]. E a parte de gari, de funcionário público, geralmente é até sexta-feira. Então eu achei legal esse trabalho pela carga horária, entendeu? Aí isso que me levou a fazer o concurso para gari (Gari 9).

Quanto ao tempo de exercício na profissão, a Tabela 4 mostra que 62% desses trabalhadores estão nessa carreira há mais de nove anos, o que indica certa estabilidade no emprego e pouca rotatividade dos servidores, principalmente tendo em vista que as contratações só acontecem por meio de concurso público.

Tabela 4

**Motivação Principal para Continuar Trabalhando como Gari por Tempo de Exercício na Profissão**

Motivação principal para continuar trabalhando como gari	Tempo de exercício na profissão				
	Até 5 anos	De 5 a 9 anos	De 9 a 15 anos	Acima de 15 anos	Total
Salário para sustentar a família	8,5%	8,4%	21,2%	4,2%	42,3%
Estabilidade do emprego atual	11,3%	5,6%	21,2%	1,4%	39,5%
Falta de opção no mercado	0%	0%	4,2%	4,2%	8,4%
Importância da profissão para o meio ambiente e saúde pública	1,4%	1,4%	2,8%	0%	5,6%
Amizades com os colegas de trabalho	0%	1,4%	2,8%	0%	4,2%
Total	21,2%	16,8%	52,2%	9,8%	100%

**Nota.** Fonte: dados da pesquisa.

Sobre as razões principais para a permanência na profissão, predominaram as escolhas pelo salário para sustentar a família e pela estabilidade. A primeira razão corrobora a pesquisa de Diogo (2007), que apontou que o sustento da família é um dos motivos principais que levaram as empregadas de um setor de limpeza a ingressarem na sua carreira. Já a estabilidade é

atribuída principalmente por se tratar de um cargo público, como mencionado anteriormente. Na Tabela 4 é possível perceber que, até os cinco anos da carreira, a estabilidade tem relativa importância para o trabalhador em relação às demais opções. A partir dos cinco anos de profissão, prevalece o salário para sustentar a família como principal fator motivacional, com exceção da faixa etária compreendida entre 9 e 15 anos, em que a remuneração fica empatada com a estabilidade. Uma das causas é até mesmo o adicional de R\$50,00 de quinquênio que eles recebem, o qual, conforme explanado por N. Marconi (1999), é uma das atratividades da carreira pública.

### Trajetória e expectativas profissionais dos gari

Com relação à trajetória profissional, na Tabela 5 se pode verificar que para cerca de um terço do total de pesquisados o trabalho como gari é o primeiro emprego com vínculo empregatício. Entre as mulheres, a relação se inverte, já que para dois terços delas esse é seu primeiro trabalho formal. Assim, o emprego atual foi uma alternativa para sair da informalidade e melhorar as condições de vida.

É importante salientar também que muitos dos 69% que já trabalharam com carteira assinada antes de ingressar na carreira de gari, passaram em algum momento por trabalhos informais, pois essa era uma das poucas alternativas para eles terem uma renda e ingressarem no mercado de trabalho. Como destacado pelo Gari 1: "trabalhei muito na feira [...], como vendedor ambulante, frutas, verduras, essas coisas. Aí mais tarde que eu fui entrar no emprego já para assinar a carteira em firmas, mas sempre trabalhei em feira". Outro ponto que merece destaque é que eles começaram a trabalhar quando ainda eram crianças, ajudando no sustento da família, como os Gari 4 e 10 que, entre quatorze e quinze anos de idade, já trabalhavam respectivamente em uma transportadora e em uma fábrica de cerâmicas.

Tabela 5

#### Gênero por Trajetória Profissional

O trabalho de gari	Gênero		
	Masculino	Feminino	Total
É o primeiro emprego formal	16,9%	14,1%	31%
Não é o primeiro emprego formal	63,4%	5,6%	69%
Total	80,3%	19,7%	100,0%

Nota. Fonte: dados da pesquisa.

Sobre o último emprego antes de se tornar gari, as profissões de pedreiro ou ajudante, doméstica e serviços gerais foram as mais citadas, conforme apresentado na Tabela 6, a seguir. A maioria das ocupações anteriores era função que exigia pouca formação educacional, conforme argumentos de Díaz e Hola (2006),

Grusky (2008) e Guimarães et al. (2017), que reforçam a ideia de que os mais pobres são os mais propensos a realizarem trabalhos de baixo prestígio social, baixa remuneração e baixa qualificação, e que, no caso das mulheres, prevalece o emprego voltado para as áreas de limpeza.

Tabela 6

**Última Profissão Antes de Trabalhar como Gari**

Último emprego antes de trabalhar como gari					
Profissão	Quant.	Profissão	Quant.	Profissão	Quant.
Pedreiro ou ajudante	14	Montador de equipamentos	2	Carroceiro	1
Doméstica (diarista)	8	Motorista	2	Cobrador de ônibus	1
Serviços gerais	7	Vendedor (salgados, picolé)	2	Eletricista	1
Vigilante (Segurança)	5	Zelador	2	Garçom	1
Operador de máquinas	4	Agente patrimonial	1	Laminador	1
Entregador	3	Ajudante de topografia	1	Locutor de rádio	1
Porteiro	3	Auxiliar de produção	1	Pintor de carro	1
Cozinheira (auxiliar)	2	Balconista	1	Promotor de vendas	1
Mecânico	2	Camareira	1	Vaqueiro	1

**Nota.** Fonte: dados da pesquisa.

Ao serem indagados sobre as expectativas de arrumar outro trabalho em um curto período de tempo, praticamente a metade dos entrevistados respondeu que não pretende mudar de emprego, conforme apresentado na Tabela 7. Isso acontece, na maioria das vezes, porque eles se sentem inseguros pela idade ou pela pouca formação acadêmica. No entanto, eles não descartam tal possibilidade caso surja uma boa oportunidade, como relatado pelos Garis 1 e 5.

Por enquanto não, porque já estou em uma idade avançada e eu vou ficar nessa mesmo, mas se tiver outras oportunidades aí eu vou tentar, né? (Gari 1).

Eu não estou preparada [...], não fiz nenhum tipo de faculdade, eu vejo que aqui eu tenho mais segurança e pela minha idade. Eu acho que seria besteira eu sair daqui, por enquanto, né. No momento eu penso dessa forma, pode ser que mais para frente eu posso mudar de ideia também, né, que o ser humano está em constante mudança. [...] Mas eu também não

pretendo ficar só aqui até chegar minha aposentadoria, varrendo rua não. Quero voltar, retornar a um lugar mais suave, que afinal de contas você vai chegando a idade, você fica desgastado (Gari 5).

Esses relatos são compatíveis com os achados de Silva (2011), que evidenciou que alguns profissionais que lidam com o lixo se mostram dispostos a continuarem na profissão, apesar de todas as dificuldades, sendo alguns dos motivos a falta de experiência profissional e a idade. Todavia, conforme destacado por Diogo (2007), existem aqueles que buscam um emprego que proporcione melhores condições de trabalho e que exija menos esforço físico, o que, por sua vez, pode repercutir na vida, como explicado pelo Gari 4, na sequência.

Esse trabalho de gari é prazeroso, mas é desgastante, vai de sol a sol todo dia, é desgastante. E, por exemplo, guarda de trânsito mesmo eu queria, queria tá em outra área, ou patrimonial, né, segurança patrimonial e tal, seria também uma estratégia boa minha.

Tabela 7

**Expectativa de Arrumar outro Emprego em um Curto Período de Tempo por Grau de Escolaridade**

Grau de escolaridade	Expectativa de mudar de emprego em um curto período de tempo		
	Tem expectativa	Não tem expectativa	Não pensou no assunto
Fundamental incompleto	26,9%	69,2%	3,9%
Fundamental completo	18,8%	50%	31,2%
Médio incompleto	40%	20%	40%
Médio completo	36,8%	42,1%	21,1%
Superior incompleto	75%	0%	25%
Superior completo	100%	0%	0%
Total geral	32,4%	49,3%	18,3%

**Nota.** Fonte: dados da pesquisa.

A Tabela 7 também proporciona um cruzamento entre a expectativa de arrumar outro emprego e o grau de escolaridade. Os resultados mostram que as pessoas com maior grau de escolaridade têm maior expectativa de mudar de profissão. Esse fato é coerente com os achados de Diogo (2007), que constatou que a falta de escolaridade é um dos motivos para ingressar na profissão. Com isso, a partir do momento que elas têm maior qualificação acadêmica, vai surgindo a motivação para encontrar um emprego de maior prestígio.

Já os dados da Tabela 8 permitem realizar um cruzamento de informação entre a expectativa de arrumar outro emprego em um curto período de tempo e a ocorrência de discriminação na realização do trabalho. Os dados mostram que quanto maior é a

percepção do preconceito sofrido, mais vontade os garis têm de encontrar outro emprego.

Tabela 8

**Expectativa de Arrumar outro Emprego em um Curto Período de Tempo por Ocorrência de Discriminação ou Preconceito**

Ocorrência de discriminação ou preconceito	Expectativa de mudar de emprego em um curto período de tempo		
	Tem expectativa	Não tem expectativa	Não pensou no assunto
Nunca	23,1%	57,7%	19,2%
Raramente	25%	50%	25%
Às vezes	33,3%	50%	16,7%
Quase sempre	50%	40%	10%
Sempre	42,8%	28,6%	28,6%
Total geral	32,4%	49,3%	18,3%

**Nota.** Fonte: dados da pesquisa.

Existem também os indivíduos que têm mais de uma profissão e aqueles que ainda estão procurando mais um emprego para conciliar com o serviço de gari e, por conseguinte, aumentar a renda, como é caso do Gari 10.

No caso, como a gente tem empréstimos, eu pensei em ser transferido, né, da turma para trabalhar a noite, para ter um outro serviço, [...] complementar a renda, né. Mas não foi possível devido não tem vaga nas outras turmas.

Alguns também estão buscando se qualificar e, assim, alcançar alternativas de trabalho.

Eu ainda falto muito tempo ainda para me formar, então eu não, por enquanto não, eu tô a fim de trabalhar na minha área, então para minha área eu tenho que ter a documentação exigida e eu ainda não tenho. Aí por enquanto não, ao longo do tempo sim (Gari 7).

Esses achados têm relação com as observações de Diogo (2007), ao constatar que os garis veem a escolaridade como uma forma de encontrar um trabalho mais atrativo.

## Conclusões

No decorrer dos últimos séculos, a sociedade passou por inúmeras transformações. As pessoas mudaram até mesmo seus juízos

de valor. Um exemplo disso é o conceito de trabalho, que já foi relacionado a punição e sofrimento, destinado aos pobres e escravos. Contudo, com o passar do tempo, esse conceito foi evoluindo. Hoje em dia, o trabalho é algo fundamental na vida de uma pessoa, inclusive os desempregados e desocupados são mal vistos e os demais indivíduos são avaliados de acordo com a sua ocupação. Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a trajetória dos garis de Vitória da Conquista, identificando as razões que os levaram a desenvolver tal atividade e as suas expectativas futuras em relação à vida profissional.

Ao identificar o perfil desses profissionais, verificou-se que são pessoas oriundas de famílias de baixa renda, que precisaram trabalhar para ajudar nas despesas de casa desde cedo. Com relação aos motivos que levaram esses profissionais a ingressarem na carreira de gari, foi percebido que a maioria foi motivada pela estabilidade e pela falta de opção, causada pelo desemprego. As respostas dos garis sobre os fatores de motivação para continuar na limpeza pública são compatíveis com as escolhas da profissão, já que as razões principais enfatizadas foram o sustento da família e a estabilidade, que é garantida na carreira de servidor público.

A trajetória profissional da maioria desses trabalhadores é iniciada no começo da adolescência pela necessidade de contribuir para o sustento da família. O início é marcado pelo trabalho informal como uma das poucas alternativas para adquirir uma renda. Já a carreira formal é marcada pelos empregos de baixo prestígio, uma vez que eles não tiveram uma formação educacional adequada. Cabe destacar também que a maioria das mulheres conseguiu sair da informalidade quando ingressaram na carreira de gari.

Sobre as expectativas futuras da vida profissional, existe predomínio das pessoas que não pretendem mudar de emprego ou sequer pensaram no assunto. A baixa qualificação, a idade e a estabilidade do vínculo empregatício são as razões principais para tal índice. Se, por um lado, elas não pensam em abandonar a carreira de gari, por outro se dispõem a procurar outro emprego em horário alternativo para complementar a renda familiar.

Existiram algumas limitações durante o desenvolvimento da pesquisa. A principal delas se refere à dificuldade de aplicação do formulário. A pesquisa previa a realização de um censo com todos os garis do serviço de limpeza pública. Entretanto, devido ao número de profissionais de férias, afastados, de licença, realizando atividades em outros setores e que não quiseram responder os formulários, optou-se por uma amostra probabilística em que o número de informantes foi reduzido, se comparado com a proposta inicial de censo.

Espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para futuros estudos, pois são poucos aqueles relacionadas à percepção desses trabalhadores que lidam com o lixo em Vitória da

Conquista. Assim, a pesquisa pode possibilitar apoio para outros trabalhos científicos que discutam as consequências que profissões sem *glamour* e *status* social têm para os indivíduos. Como a investigação atual foi realizada apenas com os garis de varrição, que são servidores públicos, propõe-se a realização de futuras pesquisas com os coletores de lixo, que trabalham em regime CLT em uma empresa que presta serviço para a Prefeitura. Ademais, seria importante uma pesquisa comparativa entre esses profissionais.

## Referências

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia* (5a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1971). Recuperado de <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>
- Albornoz, S. (1994). *O que é trabalho* (6a ed.). São Paulo: Editora Brasiliense. Recuperado de <https://brito964.files.wordpress.com/2013/06/o-que-c3a9-trabalho-suzana-albornoz.pdf>
- Barros, R. P. de, & Mendonça, R. S. P. de (1995). Pobreza, estrutura familiar e trabalho [Texto para Discussão, nº 366]. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0366.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0366.pdf)
- Blanch, J. M. (2003). Trabajar en la modernidad industrial. In J. M. Blanch (Org.), *Teoría de las relaciones laborales: fundamentos* (pp. 19-148). Barcelona: UOC.
- Blank, R. M. (1985). An analysis of workers' choice between employment in the public and private sectors. *Industrial and Labor Relations Review*, 38(2), 211-224. Retrieved from [https://www.jstor.org/stable/2523830?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2523830?seq=1#page_scan_tab_contents). <https://doi.org/10.1177/001979398503800204>
- Borges, A., & Kraychet, E. S. (2007). Mercado de trabalho e pobreza: Discurso e evidências na trajetória brasileira recente. *Caderno CRH*, 20(50), 231-243. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v20n50/v20n50a04.pdf>. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792007000200004>
- Campos, D. F., Rubinho, C. A. de A. G., & Pereira, M. P. (2015). A profissão de gari à luz dos direitos sociais do trabalho e das políticas públicas de proteção ao meio ambiente. *Revista de Direito UNIFACEX*, 6(1), 1-19. Recuperado de

<https://periodicos.unifacex.com.br/direito/article/view/689/245>

- Carvalhães, F. A. de O., Barbosa, R. J., Souza, P. H. G. F. de, & Ribeiro, C. A. C. (2014). Os impactos da geração de empregos sobre as desigualdades de renda: Uma análise da década de 2000. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29(85), 79-98. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v29n85/06.pdf>. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092014000200006>
- Cunha, J., & Fagundes, A. (2017). 22% dos brasileiros vivem abaixo da linha da pobreza, diz estudo. *Folha de São Paulo*, Mercado. Recuperado de <https://ww1.folha.uol.com.br/mercado/2017/10/1931680-22-dos-brasileiros-vivem-abaixo-da-linha-da-pobreza-diz-estudo.shtml>
- Demo, P. (1985). *Introdução à metodologia da ciência* (2a ed.). São Paulo: Atlas. Recuperado de <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/ftch/74301206/DEMO-Introducao-a-Metodologia-da-Ciencia.pdf>
- Di Pietro, M. S. Z. (2014). *Direito administrativo* (27a ed.). São Paulo: Atlas.
- Díaz, X., & Hola, E. (Orgs.). (2001). *Trabajo, flexibilidad y género: tensiones de un proceso*. Santiago: Centro de Estudios de la Mujer.
- Diogo, M. F. (2007). Os sentidos do trabalho de limpeza e conservação. *Psicologia em estudo*, 12(3), 483-492. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/2871/287122098005/>. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722007000300005>
- Dyniewicz, A. M. (2009). *Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes* (2a ed.). São Caetano do Sul: Difusão Editora.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a ed.). São Paulo: Atlas. Recuperado de [https://drive.google.com/file/d/1wfnMAF17wSrJE\\_uXqwjOa8IwZuNk5uHs/view](https://drive.google.com/file/d/1wfnMAF17wSrJE_uXqwjOa8IwZuNk5uHs/view)
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas. Recuperado de <https://drive.google.com/file/d/1fQhWl6UDFx7MfxoaxN7ck0FQOsm6WZUm/view>
- Gomes, C. da C., & Oliveira, R. S. de (2013). Agentes de limpeza pública: Um estudo sobre a relação prazer/sofrimento no ambiente laboral. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(Número Especial), 138-153. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v33nspe/v33specal4.pdf>

- Grusky, D. (2008). *Social stratification: class, race, and gender in sociological perspective* (4nd ed.). Colorado: Westview Press.
- Guimarães, N. A., Brito, M. M. A. de, Andrada, A. C. S., & Picanço, M. F. (2017). Os pobres e o acesso ao trabalho: Entre a ação pública e o interesse privado. *Novos Estudos CEBRAP*, 36(2), 83-105. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/nec/v36n2/1980-5403-nec-36-02-83.pdf>. [http:// dx.doi.org/10.25091/s0101-3300201700020005](http://dx.doi.org/10.25091/s0101-3300201700020005)
- Gutierrez, F. (2013). Brasil 'perdeu' 500 mil garis em nove anos. *Folha de São Paulo*, Empregos e Carreiras Classificados. Recuperado de <http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/2013/10/1359052-brasil-perdeu-500-mil-garis-em-nove-anos.shtml>
- Kalleberg, A. L. (2012). Job quality and precarious work: Clarifications, controversies and challenges. *Work and Occupations*, 39(4), 427-448. Retrieved from <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0730888412460533?journalCode=woxb>. <https://doi.org/10.1177/0730888412460533>
- Liu, Y., & Grusky, D. B. (2013). The payoff to skill in the third industrial revolution. *American Journal of Sociology*, 118(5), 1330-1374. Retrieved from [https://www.jstor.org/stable/10.1086/669498?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/10.1086/669498?seq=1#page_scan_tab_contents). <https://doi.org/10.1086/669498>
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5a ed.). São Paulo: Atlas. Recuperado de [http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india/view](http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view)
- Marconi, N. (1997). Uma breve comparação entre os mercados de trabalho do setor público e privado. *Revista do Serviço Público*, 48(1), 126-146. Recuperado de <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/380/386>
- Marconi, N. (1999). *Políticas integradas de recursos humanos para o setor público*. Buenos Aires: Biblioteca Virtual TOP sobre Gestão Pública. Recuperado de [http://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/recursos-humanos/txt\\_apoio\\_marconi\\_rh.pdf](http://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/recursos-humanos/txt_apoio_marconi_rh.pdf)
- Marx, K. (1988). *O capital: crítica da economia política* (3a ed.). São Paulo: Nova Cultural.
- Monteiro, J. H. P., Figueiredo, C. E. M., Magalhães, A. F., Melo, M. A. F. de, Brito, J. C. X. de, Almeida, T. P. F. de, &

- Mansur, G. L. (2001). *Manual de gerenciamento integrado de resíduos sólidos*. Rio de Janeiro: IBAM. Recuperado de <http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/573/1/manual.pdf>
- Morin, E. M. (1999) Les réorganisations et le travail: Aider les personnes à retrouver du sens. *Interactions*, 3(1-2), 229-240. Recuperado de [https://www.usherbrooke.ca/psychologie/fileadmin/sites/psychologie/espace-etudiant/Revue\\_Interactions/Volume\\_3\\_no\\_1-2/V3N1-2\\_MORIN\\_Estelle\\_p229-240.pdf](https://www.usherbrooke.ca/psychologie/fileadmin/sites/psychologie/espace-etudiant/Revue_Interactions/Volume_3_no_1-2/V3N1-2_MORIN_Estelle_p229-240.pdf)
- Nogueira, R. P., Baraldi, S., & Rodrigues, V. de A. (2004). *Limites críticos das noções de precariedade e desprecarização do trabalho na administração pública*. Brasília: ObservaRH/UnB. Recuperado de [http://www.observarh.org.br/observarh/repertorio/Repertorio\\_ObservaRH/NESP-UnB/Limites\\_criticos.pdf](http://www.observarh.org.br/observarh/repertorio/Repertorio_ObservaRH/NESP-UnB/Limites_criticos.pdf)
- Organizações das Nações Unidas. (2018). *ONU diz que pobreza impede mais de 700 milhões de pessoas de atender suas necessidades básicas*. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/onu-diz-que-pobreza-impede-mais-de-700-milhoes-de-pessoas-de-atender-suas-necessidades-basicas/>
- Pochmann, M. (2012). O trabalho na base da pirâmide social no Brasil. In M. Pochmann. *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira* (cap. 2, pp. 23-38). São Paulo: Boitempo Editorial. Recuperado de [http://politicaedireito.org/br/wp-content/uploads/2017/02/Nova-Classe-media\\_Marcio-Pochmann.pdf](http://politicaedireito.org/br/wp-content/uploads/2017/02/Nova-Classe-media_Marcio-Pochmann.pdf)
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2a ed.). Novo Hamburgo: Feevale. Recuperado de [https://drive.google.com/file/d/1mFncFlaItprFHjstdy1I0AHR9XIi\\_kyr/view](https://drive.google.com/file/d/1mFncFlaItprFHjstdy1I0AHR9XIi_kyr/view)
- Renaux, P. (2018). Pobreza aumenta e atinge 54,8 milhões de pessoas em 2017. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23299-pobreza-aumenta-e-atinge-54-8-milhoes-de-pessoas-em-2017>
- Ridgeway, C. L. (2013). Why status matters for inequality. *American Sociological Review*, 79(1), 1-16. Retrieved from <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0003122413515997>
- Salata, A. R. (2016). Uma nova abordagem empírica para a hierarquia de status no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(92), 1-22. Recuperado de

<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v31n92/0102-6909-rbcsoc-3192032016.pdf>. <http://dx.doi.org/10.17666/319203/2016>

Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 19-45. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/tes/v9s1/02.pdf>. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462011000400002>

Silva, K. A. T. (2011). "O lixo pode ser mais que lixo": o sentido do trabalho para os catadores de materiais recicláveis. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 35. Recuperado de <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GPR1303.pdf>

Thanh, N. D. (2019). Global garbage problem - Addressing waste management woes in stadiums. *International Journal of Sports Science and Physical Education*, 4(1), 1-8. Retrieved from <http://www.sciencepublishinggroup.com/j/ijsspe>. <https://doi.org/10.11648/j.ijsspe.20190401.11>

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas. Recuperado de [http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em\\_Ciencias-Sociais.pdf](http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf)

Vinci, W. J., Jr. (2005). O servidor público estatutário e a nova ordem de competência da Justiça do Trabalho estabelecida pela E.C. nº 45/04. *Caderno de Iniciação Científica*, 2, 141-147. Recuperado de <https://revistas.direitosbc.br/index.php/CIC/article/view/814/586>

Weeden, K. A. (2002). Why do some occupations pay more than others? Social closures and earnings inequality in the United States. *American Journal of Sociology*, 108(1), 55-101. Retrieved from <https://www.jstor.org/stable/10.1086/344121>. <https://doi.org/10.1086/344121>

Weeden, K. A., & Grusky, D. B. (2004). Are there any big classes at all? *Research in Social Stratification and Mobility*, 22, 3-56. Retrieved from <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0276562404220017>. [https://doi.org/10.1016/S0276-5624\(04\)22001-7](https://doi.org/10.1016/S0276-5624(04)22001-7)

Weeden, K. A., Kim, Y.-M., Carlo, M. D., & Grusky, D. B. (2007). Social class and earnings inequality. *American Behavioral Scientist*, 50(5), 702-736. Retrieved from [http://www.kimweeden.com/wp-content/uploads/2013/01/weeden\\_2007\\_ABS.pdf](http://www.kimweeden.com/wp-content/uploads/2013/01/weeden_2007_ABS.pdf). [https://doi.org/10.1016/S0276-5624\(07\)00027-6](https://doi.org/10.1016/S0276-5624(07)00027-6)

---

***Flávio Gleison Gomes Meira***

Graduando em Administração pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7697-3712>

---

***Almiralva Ferraz Gomes***

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5440-2115>

---

***Marcelo Santos Amaral***

Doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7639-4059>